

EXAME NACIONAL DO ENSINO SECUNDÁRIO

12.º Ano de Escolaridade (Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto)
Curso Geral — Agrupamento 4

Duração da prova: 120 minutos
2002

1.ª FASE
2.ª CHAMADA

PROVA ESCRITA DE PORTUGUÊS A

Esta prova é constituída por três grupos de resposta obrigatória.

Não é permitido o uso de dicionário.

V.S.F.F.

138/1

GRUPO I

Leia atentamente o seguinte texto:

	PRINCIPAL SOUSA	1
Tenho medo...		
	<i>(Para D. Miguel)</i>	
Senhor Governador, tenho medo. Há dois dias que quase não durmo e mesmo quando passo pelo sono, perseguem-me imagens terríveis: imagino-me réu perante um tribunal que me não respeita.		5
Dedos imundos tocam-me as vestes. Sonhei já três vezes que estava no Campo de Sant'Ana, subindo ao cadafalso, enquanto à minha volta os gritos do povo me não deixavam, sequer, ouvir a sentença...		
	BERESFORD	10
	<i>(Para Vicente e para Corvo)</i>	
Os chefes?! Quem são os chefes?		
	CORVO	
Fala-se deste e daquele, mas ninguém sabe ao certo.		
	BERESFORD	15
Quero saber quem são os chefes. Comprem quem for preciso, vendam a alma ao diabo, mas tragam-nos os nomes dos chefes...		
	<i>(Corvo e Vicente saem.)</i>	
	D. MIGUEL	20
Eu também tenho medo, senhores, mas o meu medo não é semelhante ao vosso. Pouco me importa a fortuna ou a vida, ambas daria de boa vontade, se me fosse necessário fazê-lo, pela minha terra. A Pátria, Excelências, não é, para mim, uma palavra vã... Se algum sonho tenho, se a um estadista é permitido sonhar, o meu sonho é de não morrer sem exterminar de vez as sementes da anarquia e do jacobinismo... Sonho com um Portugal próspero e feliz, com um povo simples, bom e confiante, que viva lavrando e defendendo a terra, com os olhos postos no Senhor.		25
Sonho com uma nobreza orgulhosa, que, das suas casas, dirija esta terra privilegiada. Vejo um clero, uma nobreza e um povo conscientes da sua missão, integrados na estrutura tradicional do Reino...		
Não lhes nego, Excelências, que não sou um homem do meu tempo.		30
Um mundo em que não se distinga, a olho nu, um prelado dum nobre, ou um nobre dum popular, não é mundo em que eu deseje viver.		
Não concebo a vida, Excelências, desde que o taberneiro da esquina possa discutir a opinião d'el-rei, nem me seria possível viver desde que a minha opinião valesse tanto como a de qualquer arruaceiro.		35

Pergunto-vos, senhores: que crédito, que honras, que posições seriam as nossas, se ao povo fosse dado escolher os seus chefes?

BERESFORD

Já que temos ocasião de crucificar alguém, que escolhamos a quem valha a pena crucificar... Pensou em alguém, Excelência?

40

Luis de Sttau Monteiro, *Felizmente Há Luar!*, 12.ª ed., Lisboa, Ática, 1980

Elabore um comentário do texto apresentado que integre o tratamento dos seguintes tópicos:

- comparação das reacções do Principal Sousa e de Beresford;
- definição dos valores defendidos por D. Miguel;
- aspectos relevantes na construção da tensão dramática;
- importância do excerto no contexto da obra.

V.S.F.F.

138/3

GRUPO II

A questão seguinte refere-se à poesia de Ricardo Reis.

Reis [...] manifesta uma aguda mas estóica sensibilidade em relação ao tema da passagem do tempo.

Maria Alzira Seixo, «Singularidades de uma Literatura Ocidental», *Outros Erros*, Lisboa, Asa, 2001, p. 88

Considere o juízo crítico apresentado e comente-o, fundamentando-se na sua experiência de leitor. Redija um texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de duzentas a trezentas palavras.

Observações:

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2002/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

GRUPO III

Resuma o excerto a seguir transcrito, constituído por trezentas e vinte e cinco palavras, num texto de **noventa e cinco a cento e vinte** palavras.

Antes de iniciar o seu resumo, leia atentamente as observações apresentadas em final de página.

1 A evolução da literatura portuguesa, dos anos 60 até final do século XIX, tem no Realismo e no Naturalismo balizas estético-ideológicas incontornáveis e carregadas de potencialidades polémicas. Perscrutar as raízes do Realismo, enquanto atitude ético-cultural que também foi, na querela que ficou conhecida pelo nome de Questão Coimbrã, é já de si significativo:
5 porque, não o esqueçamos, a Questão Coimbrã foi, em grande parte, uma confrontação, no plano ético, entre gerações de formações ideológicas distintas, mas de um modo geral reclamando-se de valores românticos. [...]

O eco público que tiveram as Conferências do Casino, designadamente no que toca à sua repercussão na imprensa da época e às reacções repressivas que motivaram, mostra bem
10 como o sopro de novidade difundido pela Geração de 70 (dominada, convém lembrar, pela figura carismática de Antero) penetrou num espaço cultural apático e aparentemente conformado com a morna atmosfera da Regeneração. Que Eça de Queirós tenha anunciado, precisamente nesse momento de viragem, o advento do Realismo como nova forma de expressão artística, eis o que não pode considerar-se um acaso fortuito: tratava-se de
15 modificar mentalidades e costumes, e a literatura constituía, no quadro desse projecto, um fundamental instrumento de intervenção.

A reflexão programática que se desenrolou ao longo dos anos 70 e 80 (em prefácios, intervenções doutrinárias, textos de crítica literária, polémicas, etc.) mostra bem que o
20 Realismo (e já também o Naturalismo) teve que abrir o seu caminho por entre a hostilidade dos que não aceitavam a rudeza de certas análises que a nova estética requeria. E, no entanto, nem tudo era rigorosamente novo: o romance de Júlio Dinis¹ e a novela camiliana, cronologicamente anteriores ao triunfo do Realismo e do Naturalismo, eram já tentativas de virar a atenção da literatura para o real circundante; só que o faziam num tom de certo modo idílico (no caso do primeiro) ou com alguma desmesura de processos (no caso de Camilo²),
25 esta última prolongada inclusivamente quando chegou a hora de aderir ao Naturalismo.

Carlos Reis, «Conclusão», *História da Literatura Portuguesa*, vol. 5, Lisboa, Alfa, 2001

¹ *Júlio Dinis*: escritor português (1839-1871).

² *Camilo*: Camilo Castelo Branco, escritor português (1825-1890).

Observações:

1. Há uma tolerância de quinze palavras relativamente ao total pretendido (oitenta palavras como limite mínimo, e cento e trinta e cinco como limite máximo). Um desvio maior implica uma desvalorização parcial do texto produzido.

2. De acordo com o critério de contagem adoptado nesta prova – já explicitado no grupo II –, o fragmento a seguir transcrito é constituído por vinte e duas palavras: «A/ evolução/ da/ literatura/ portuguesa,/ dos/ anos/ 60/ até/ final/ do/ século/ XIX,/ tem/ no/ Realismo/ e/ no/ Naturalismo/ balizas/ estético-ideológicas/ incontornáveis/».

FIM

V.S.F.F.

138/5

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I	100 pontos
Conteúdo	60 pontos
Organização e correcção linguística	40 pontos
GRUPO II	50 pontos
Conteúdo	25 pontos
Organização e correcção linguística	25 pontos
GRUPO III	50 pontos
Conteúdo	20 pontos
Organização e correcção linguística	30 pontos
Total	200 pontos